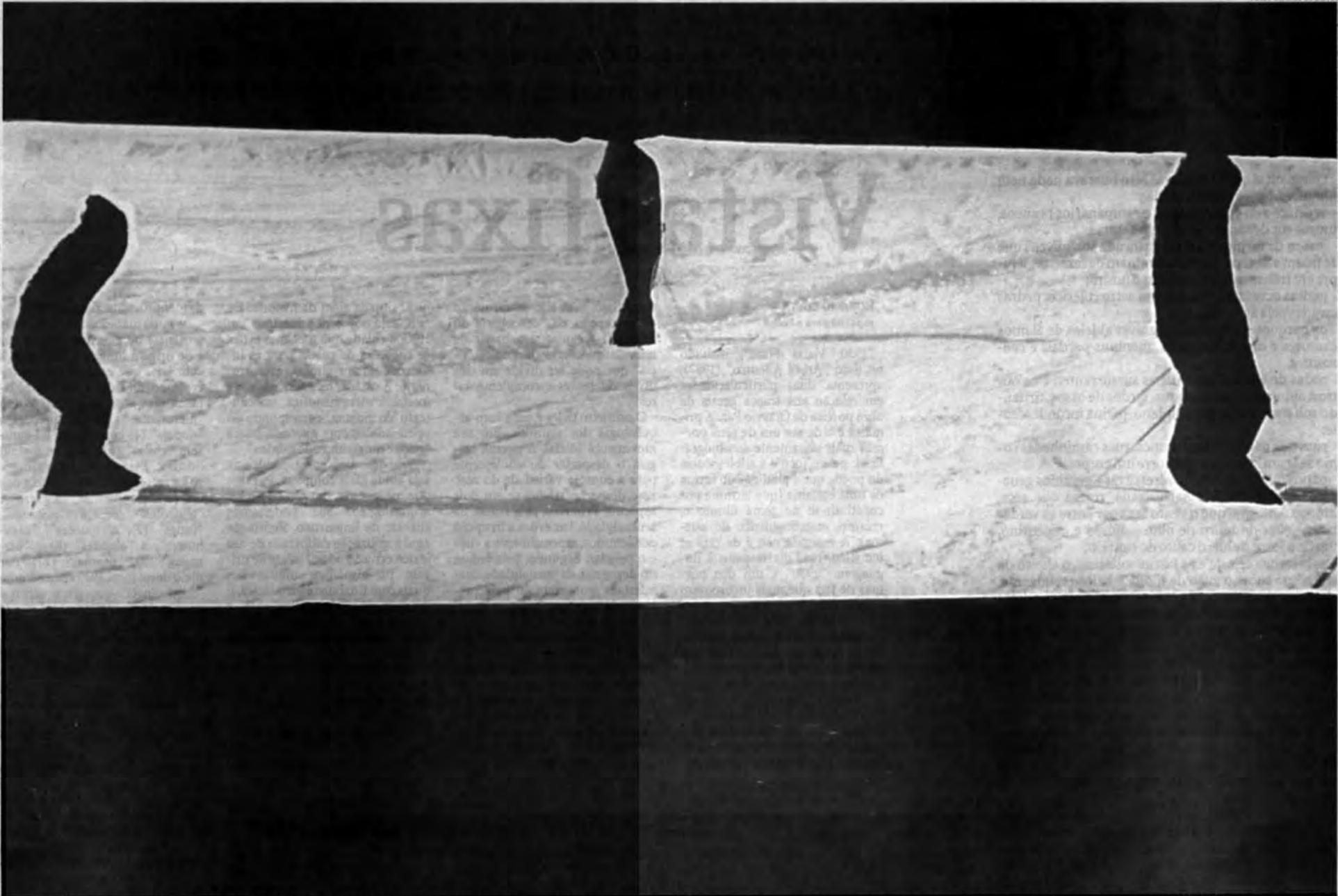


## ARTES PLÁSTICAS

Fotos Geraldo de Barros



Trabalho do artista plástico Geraldo de Barros feito a partir de foto de esquiadores na neve e que faz parte de suas últimas obras, realizadas entre março de 96 e dezembro de 97, reproduzidas nesta página e na do lado

# Concretismo envenenado

**Em seus últimos trabalhos, o artista plástico Geraldo de Barros retomou princípios que adotava no início da carreira, nos anos 40**

da Reportagem Local

O artista plástico, fotógrafo e designer Geraldo de Barros estava voltando ao princípio de sua obra quando morreu no último dia 17, aos 75 anos. Voltara a trabalhar com fotos, reproduzidas nesta página e na página ao lado, só que raríssimas vezes fotografava. Com o lado direito do corpo paralisado por três isquemias (em 1979, 1986 e 1989), sua matéria-prima eram fotos de álbuns de família, cujos negativos recortava, riscava com ponta seca, pintava detalhes em nanquim, colava fita adesiva, sobrepunha fotos em papel.

O resultado material era um sanduíche de imagens, colado sobre uma placa de vidro de quatro por cinco polegadas. Esteticamente, estava ali o resumo de sua carreira: há traços das fotoformas do final dos anos 40, do concretismo dos 50, da aproximação com a pop arte na década de 60 e uma liberdade formal que pervertia os cânones do concretismo. Não havia só ângulos retos, só figuras geométricas, só frieza programática. Era um concretismo envenenado, pervertido pela expressividade do gesto, por cortes irregulares, como os que se vê nas fotos das ondas e dos esquiadores subtraídos da neve.

Barros participou de dois momentos decisivos da história da arte brasileira no pós-guerra. Entre 1946 e 1951, fez fotos abstratas, um achado numa época em que só ele e José Oiticica Filho se arriscavam nesse campo.

Pegava o negativo e riscava-o, pintava-o, transfigurava o caráter documental da ima-

gem em uma questão formal. Eram gravuras, como ele dizia. Se a foto era dele ou de outra pessoa, não importava. O autor era o descobridor das formas que se escondiam sob a aparente banalidade, defendia.

Em 1952, assinou o Manifesto Ruptura com Waldemar Cordeiro, Luís Sacilotto e Lothar Charoux, entre outros. A ruptura do título do manifesto não era propaganda barata. Barros e companhia defendiam o fim do naturalismo que dominava a arte brasileira e propunham uma nova sensibilidade, sintonizada com industrialização.

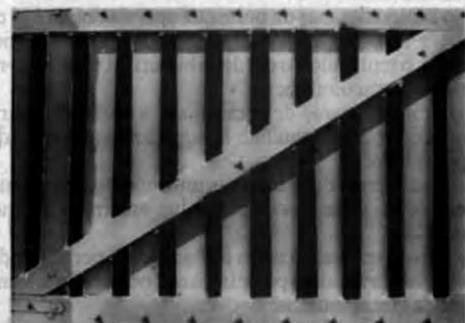
Seus últimos trabalhos fotográficos, feitos entre março de 1996 e dezembro de 1997, retomam as duas vertentes. Com a paralisia parcial, Barros recorria à fotógrafa Ana Moraes para executar o trabalho, procedimento que já havia adotado nos trabalhos geométricos em fórmica, executados por marceneiros nos anos 80. "Ele estava alucinado para trabalhar. Produzíamos coisas a semana inteira e perguntava se eu poderia voltar no sábado e no domingo", diz Ana. "Ele trabalhava com urgência", conta uma das filhas, a artista plástica Fabiana de Barros.

Fotos das filhas, da mulher Electra, do amigo Cláudio Abramo, eram os motivos que escolhia. Dizia que a paralisia havia-lhe dado tempo para pensar melhor o trabalho. "Quando havia alguma coisa mais emocional, ele não usava a foto. Havia afetividade, mas prevalecia a forma. Ele não abandonou o rigor concreto", lembra Ana.

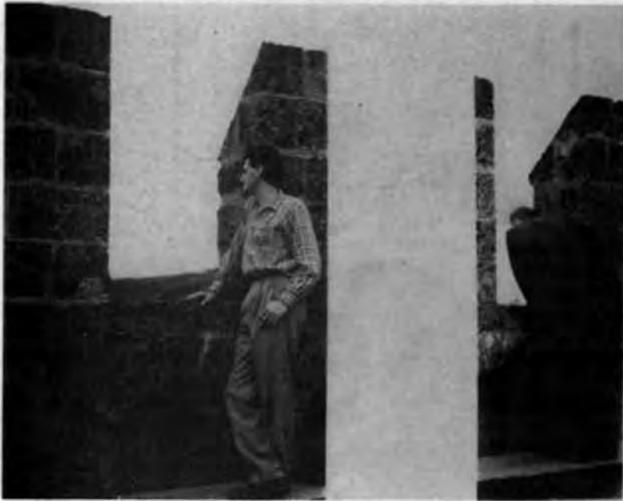
Quando via alguma imagem na rua que o interessava, pedia a Ana que a fotografasse. Utilizava também as sobras —pedaços de fotos, de papel, negativos cortados.

Os cerca de 300 trabalhos que Barros produziu no final da vida serão expostos no Museu Ludwig da Alemanha, que prepara uma retrospectiva de sua obra fotográfica para o segundo semestre deste ano.

(MARIO CESAR CARVALHO)



"A Menina do Sapato", obra de 1949



Acima, o jornalista Cláudio Abramo (1923-1987) em foto de Geraldo de Barros, retrabalhada pelo artista no último ano de vida, quando também realizou a obra ao lado



QUANTITÉ

# Uma ourivesaria psíquica

NELSON AGUILAR  
especial para a Folha

Nada menos narcísico do que a arte de Geraldo de Barros. A própria escolha da fotografia como "medium", logo em início de carreira, mostra um despojamento que os suportes posteriores não desmentiriam. A exposição do artista suíço Max Bill, em 1950, no Museu de Arte de São Paulo (Masp), lhe revela o que havia percebido vagamente no cenário cultural paulistano, ainda vincado por arraigado provincianismo: a necessidade de uma arte livre de subjetivismo. O encontro com o crítico Mário Pedrosa também foi determinante, pois toma conhecimento da psicologia da forma (Gestalt) como poética.

Os artistas da Gestalt pretendem estabelecer uma linguagem simples na qual o que está proposto é o que está sendo recebido. Assim, Geraldo elabora uma tela de formato quadrado que encerra um quadrado dentro de um quadrado, usando apenas os registros branco e preto. Se o valor negro configurar-se como forma e o branco como fundo, sobressai o decorativismo do conjunto. Porém, se o branco assumir o valor de forma e o negro o de fundo, com alguma boa vontade pode-se decifrar uma máscara munida de dois caninos pontiagudos irradiando no intervalo escuro onde se instala um pequeno retângulo. O poeta concretista Eugen Gomringer vê nesse processo uma arte de decisão, visto que a percepção não tolera significações múltiplas, exigindo uma opção ou outra. Isso arma o espectador para a vida cotidiana, chamando-lhe a atenção para os inúmeros limiares que solicitam resposta. A delicadeza das propostas de Geraldo encantou o Museu do Eliseu, em Lausanne — que apresentou a sua produção fotográfica —, e o grande Max Bill, talvez em virtude de um traço helvético presente em seu trabalho.

Num colóquio em Sénanque, no sul da França, o psiquiatra suíço Roland Kuhn, especialista no tratamento da depressão, relatou observações a respeito dos sonhos dos pacientes. Selecionou-os em relação à menor ou maior distância de tempo dos restos diurnos. Se o doente sonhasse com vestígios do que houve momentos antes de adormecer, o caso apresentaria menor gravidade do que se ele fosse capaz de reter acontecimentos que ocorreram mais horas antes do sono. O concretista paulista, em seu amor pelo detalhe, não está longe dessa ourivesaria psíquica.

As fotografias fornecem subsídios para entender o que se passa na arte da época. Janelas e pequenas aberturas distribuídas em imensa muralha de tijolos (Itália, 1951) iluminam obras de Alfredo Volpi. A suposta temporalidade da foto desfaz-se pelo conhecimento da história da arte. Outra tomada feita no mesmo período e país lida com a memória da pintura metafísica devido ao confronto de uma fechadura e de uma maçaneta branca como um ovo. Trata-se de uma temporalidade em que a for-

ma está completamente embutida no(s) objeto(s). O "Acúmulo de Garrafas de Leite" (São Paulo, 1948) aponta para a multiplicação do mesmo elemento, o todo crescendo mais do que a soma das partes.

Geraldo, nas "Fotoformas", organiza, a partir de imagens, partituras musicais, seja pela interferência de uma linha na paisagem invernal em que só se destaca uma árvore, seja por muros em que as inscrições rupestres convivem com o desenho que o artista pratica diretamente sobre a película. Aqui, desponta a lembrança das texturologias de Jean Dubuffet. Às vezes, a crueza do realismo, como o calçado sob o desenho de menina, traz a agressividade de Antoni Tàpies. As sugestões nascem pela sensibilidade aguçada do brasileiro que habita a mesma matriz formal desse artista.

No âmbito do percurso de Geraldo, o design de móveis, de cartazes, o trato com a comunicação visual, tomou boa parte de seu tempo. A divulgação da arte, do projeto, a dimensão política, ou seja, a boa forma ao alcance de todos, comanda sua vida. Nos anos 60, farto com o informalismo que se torna moda corrente no mundo artístico, dá uma guinada e trabalha com a figuração pop, muito afim ao grupo independente inglês, composto por Richard Hamilton e Edoardo Paolozzi, para mencionar apenas as sumidades. Não se trata de "virada de casaca", mas de apuro formal somente possível por seu background.

Nesse momento, integra-se a um grupo dos mais fecundos da arte brasileira, ainda mal avaliado, o Rex Time (do vocábulo inglês "team"), formado por Wesley Duke Lee e Nelson Leirner, além dos novos Fajardo, Nasser e Resende. O grupo declara guerra ao circuito artístico tacanho, aos hábitos culturais, à falta de uma crítica de arte lúcida e à carência das comunicações que potencializa os atritos entre paulistas e cariocas. Usam os meios publicitários como sátira. Geraldo emprega recursos de paginação, montagem de imagens, concentração de teor informativo nos outdoors projetados pelas grandes agências, obtendo um resultado semelhante à apropriação que os situacionistas fazem das histórias em quadrinhos do Super-homem e outras personagens a fim de conscientizar os operários sobre as modalidades de alienação propaladas pelas elites dirigentes.

Mas a fase pop de Geraldo foi um sarapão. Na 21ª Bienal Internacional de São Paulo (1992), concorreu com 18 obras em plástico laminado, que possuem a eficácia de um jogo semiótico refinado. O júri de premiação contemplou o neomístico Horst Antes, da Alemanha Ocidental, o neo-expressionista Max Uhlig, da Alemanha Oriental (decisão geopolítica salomônica), e Geraldo de Barros — no caso, promulgando justiça.

Nelson Aguilar é crítico de artes plásticas; curador-geral da exposição "Brasil 500 Anos Artes Visuais" (a ser realizada na Fundação Bienal de São Paulo em 2000) e professor de história da arte da Universidade Estadual de Campinas.



Auto-retrato de Geraldo de Barros, o último realizado pelo artista plástico

GERALDO  
S Q C R I A Q U A  
U E S Ã S E Q U A D R  
O Q U A S E A D O S Q U E  
C U B O S D E U S Ã O Q U A S  
M J O G O D E L O S A N G  
E D A D O S Q U E S Ã  
O S O Q U A S E H  
E X Ã G O N O  
  
Q U E S Ã O Q  
S E U A S E C U B  
J O G O O S Q U E S Ã  
D E D A D O O Q U A S E H  
S D O S Q U A D E X Ã G O N O  
R O S D O G S Q U E S Ã O  
E R A L Q U A S E L O  
D O S A N G O S Q  
U E S Ã O E S

"Geraldo de Barros", poema de Augusto de Campos

**Geraldo de Barros buscava uma arte despojada e livre do subjetivismo, que pudesse incorporar as linguagens do design e da fotografia**